

Tomemos, por exemplo, o segundo ensaio, "A noção de vida, base da estrutura social". Estamos diante de dois termos aparentemente contraditórios, pois um, a vida, é espontâneo e imprevisto, enquanto o segundo, a sociedade, é antes construído e rígido. Ambos se exprimem por dois sistemas sociais opostos nas tribos Venda, cujo antagonismo é resolvido pelas posições que o indivíduo é levado a ocupar no decorrer da vida. Em cada uma das cinco etapas que percorre na existência, o indivíduo Venda ocupa posições sociais que pertencem sempre aos dois sistemas. Enquanto criança, pertence ao mesmo tempo ao pai e à mãe; o pai representa o poderio social com sua ordenação rígida; a mãe representa a vida e seu poder criador. O comportamento do indivíduo, escolhendo ora uma, ora outra das alternativas que os sistemas lhe oferecem, efetua o ajustamento necessário entre uma e outra.

Esta mútua adaptação é ainda melhor explicada no capítulo seguinte, "Complementaridade antagônica das famílias paterna e materna entre os Venda". Através da terminologia de parentesco, Jacqueline Roumeguère-Eberhardt demonstra o antagonismo entre ambas, mas mostra também como é anulado de diversas maneiras na existência quotidiana no comportamento dos indivíduos, permitindo um equilíbrio que deve ser constantemente refeito, mas que não deixa de persistir. O casamento com a filha do tio materno, por exemplo, é preferencial; todavia, a espôsa deve ser escolhida pelo "conselho de família" da linha paterna, que determina qual será a espôsa principal. A oposição entre estes dois princípios é anulada no momento da ação: a escolha do "conselho" se fixará em geral na filha do tio materno. Mas se esta escolha não se realiza, outros ritos sacramentários o casamento e torná-lo-ão "de acôrdo com a ordem natural", apagando a anomalia. Vê-se, pois, que estamos diante da rigidez das regras sociais, de um lado, e, de outro, diante de todos os pequenos detalhes que permitem à realidade sempre em movimento concordar com os princípios.

Tais tendências, que talvez possam parecer opostas, são na realidade complementares. Tôda sociedade precisa organizar-se visando à conservação da hierarquia social. Mas tôda sociedade é formada de seres humanos vivos e criadores: é preciso contar com suas iniciativas, sua faculdade de invenção, suas afeições. O comportamento dos indivíduos é o meio pelo qual os dois aspectos se adaptam um ao outro.

Não podemos descrever todos os pequenos ensaios que formam este livro, cuja riqueza alongaria por demais esta resenha. Queremos assinalar também que nos pareceram notáveis os capítulos "A dialética dos tempos sociais entre os Bantu do Sudeste", e "Espaço físico, espaço social e espaço mítico entre os Bantu do Sudeste". São temas até agora pouco tratados em Antropologia Social e sôbre os quais a autora traz contribuições novas. Além de apresentar material que promove as reflexões estimulantes do teórico, o trabalho fornece um conhecimento empírico aos pesquisadores devido à clareza didática da exposição. Pequeno volume de elevado valor, não pode deixar de figurar na biblioteca dos estudiosos da matéria.

Maria Isaura Pereira de Queiroz

*

ESTHER S. GOLDFRANK, ed.: *Isleta Paintings*. Introdução e comentário de ELSIE CLEWS PARSONS. XVI + 299 págs., com ilustrações. Smithsonian Institution. Washington, 1962.

Esta obra, bastante singular quanto à sua origem, vem somar-se à imensa bibliografia sôbre os índios Pueblos, do Arizona e Nôvo México, grupo nativo que uma série de circunstâncias favoráveis converteu, desde fins do século passado, no objeto mais

constante da literatura antropológica. Por isso mesmo, por trás daquela associação tão conhecida das *kivas* subterrâneas, das casas-fortalezas conglomeradas em “pueblos”, do riquíssimo ciclo anual de cerimônias que, distribuídas pelos doze meses do ano, ritmam sua vida social e lhe dão um cunho nitidamente ritualístico, com seus sacerdotes, suas danças mascaradas, seus *kachinas* personificados, os figurantes necessários dos ritos de iniciação, e de outros tantos traços que imprimem à ocupação do grupo o caráter de uma área cultural bem caracterizada, o leitor habituou-se a esperar sempre por algo inédito. Quer seja um nôvo detalhe significativo, sonogado até então à observação do estudioso, quer um nôvo sentido de suas práticas pelo rearranjo do já conhecido, num nível menos semântico e mais preocupado com revelar a homologia de padrões nos vários planos da organização social, ou, ao contrário, as suas diferenças entrosadas, na constituição daquilo que Laura Thompson denominou “estrutura lógico-estética” dessa cultura.

Elsie Clews Parsons, falecida em 1941, foi uma especialista em Pueblos. Sua grande obra, *Pueblo Indian Religion*, em dois volumes, publicada em 1939 pela Universidade de Chicago, constitui o remate de uma carreira grandemente dedicada a êsses índios, bastando, para atestá-lo, que se passe em revista o *American Anthropologist*, de 1917 a 1939, onde uma série de artigos de sua autoria cobrem os mais variados aspectos da vida do grupo e também as várias subdivisões internas dêste, representadas por isolados dispersos e nada menos do que quatro famílias lingüísticas.

Isleta, o cenário do presente trabalho, é uma cidadezinha dos Tiwa meridionais que, juntamente com os Keres, constituem a divisão dos Pueblos Orientais (menos conhecidos que os Acoma, Zuñi e Hopi, que são Pueblos Ocidentais), falam o Tanoano, situam-se no Rio Grande, ao sul de Albuquerque (Nôvo México), foram um dos primeiros Pueblos a sofrer a influência espanhola, e contam hoje com uma população de 1200 pessoas.

A obra nasceu quando, lendo uma descrição do grupo apresentada por Elsie Clews Parsons, incluída no *47th Annual Report of the Bureau of American Ethnology* (1932), um isletano se propôs a ilustrar o trabalho com aquarelas, oportunidade que teria de obter algum dinheiro, “uma vez que não dispunha de nenhum meio de ganhar a vida” e por isso esperava, como êle próprio se expressou em inglês, “to get good help” pela colaboração, que deveria ser mantida em absoluto sigilo, e, aceita a proposta, durante cêrca de 5 anos a antropóloga recebeu mais ou menos 140 quadros que, juntamente com as cartas e notas explicativas, estão arquivados na *American Philosophical Society* (Filadélfia). O presente trabalho é uma reprodução dos originais.

À exceção das três primeiras pranchas, relacionadas com o nascimento, a cura e a morte, e das duas últimas, representando fetiches de pedra, “bastões-preces” e “penas-preces”, as demais foram ordenadas segundo o critério do ciclo cerimonial do ano. Tôdas elas são acompanhadas de legendas contendo informações prestadas por Filipe (o pseudônimo do autor), que aliás domina perfeitamente o inglês. Os desenhos são por êle anotados a lapis, cuidadosa e pormenorizadamente (com os nomes nativos, quando é o caso), como êles próprios são de cunho detalhista e põem em destaque, como se fôsse em negrito, os aspectos significativos que só um iniciado poderia evidenciar.

Da cena de um sepultamento, tiramos a seguinte legenda, bastante significativa do grau de aculturação do grupo, da qual Filipe deve ser um representante se não típico, pelo menos não raro:

“Nosso filho(a) acaba de ser chamado e nos foi subtraído. Nosso grande pai precisa dêle mais do que nós. Nosso grande pai precisa dêle em alguma parte, talvez na religião Batista ou na nossa pobre religião nativa, de maneira que o levou embora, e nós o entregamos à nossa Mãe Terra para que se alimente de seu corpo. Assim como um

dia ou uma noite êle nasceu para êste mundo, assim também um dia ou uma noite teve de morrer. (...) E cumpre-nos voltar ao seu lugar, onde êle levou uma vida pobre, onde viveu pobrementemente, para decidir mandar um homem do seu clã (grupo do Milho) comer e dormir na casa do falecido durante quatro dias, conforme manda o nosso modesto preceito indígena se alguém estiver disposto a se oferecer bondosamente para cumprir essa missão" (p. 70).

É mais que provável que advenham dêsse grau de aculturação as contraditórias atitudes de Filipe, a comovente expressão da sua ambivalência. Ver-se bastante Pueblo para exigir o anonimato de medo do ostracismo (num grupo equipado com tão grande número de mecanismos preservadores de distância e restauradores de limites sociais em relação ao branco), malgrado afirmar o seu destemor perante as velhas crenças, segundo as quais da sua colaboração lhe poderia advir a morte mágica, e apelar para o branco, fornecendo-lhe justamente retratos cerimoniais (numa cultura na qual é tabu tirar fotografias e na qual, exceção feita à comemoração do dia de Todos os Santos, o branco está excluído das cerimônias, como o estão, de algumas, até mesmo índios não-membros do grupo encarregado); apresentar êsses retratos com o conhecimento minucioso de "expert" participante e, ao mesmo tempo, pondo-se o bastante no lugar do "outro" para poder identificar os pontos fracos da sua percepção da cultura nativa e corrigi-los.

Malgrado a insistência da antropóloga, poucas são as cenas sôbre a vida cotidiana (o que equivale a dizer que a mulher é personagem raramente presente), fato compreensível num povo que fêz do cerimonial um aspecto tão dominante e impregnante da sua vida, que tem sido por êle caracterizado, e que fundamenta, certamente, a conhecida dificuldade de se obterem dos Pueblos autobiografias. Como diz Leslie White, qualquer esforço nesse sentido acaba sempre em pouco mais do que relatos de experiências ritualísticas.

Só algumas pranchas são em côres; as demais (embora os originais sejam todos coloridos) são em sépia. Pondo de parte o julgamento a respeito do seu valor artístico, pode-se afirmar que agradam bastante e, mais do que isto, que constituem um documentário precioso. Nêles, a meticulosidade, a leveza e a constância do traço criam a impressão de cenas realmente rituais, com homens (e raramente mulheres) se transformando em personagens "típicos", em isletanos, a se deslocarem pelo variado cenário que constitui o âmbito do seu destino, e nos conduzindo com êles ao canto de uma *kiva* secreta, ao quarto de uma parturiente, a uma casa-fortaleza, que é a residência, com entrada pelo teto e escada pendente (detalhes a que caberia com propriedade a designação de "sobrevivências" numa comunidade não mais ameaçada) e, bastante significativamente, à presença constante do milho (o símbolo do alimento e da vida) e dos sacerdotes (o símbolo da organização social).

Objetos e situações religiosas, de origem mexicana e européia, são incorporados ao culto e, assim, cenas como a comemoração dos Finados, do dia de Todos os Santos, do tratamento de uma parturiente com a presença da imagem de Santo Agostinho, o padroeiro de Isleta, dão bem uma mostra do sincretismo reinante, malgrado o predomínio das cerimônias tipicamente índias.

Excetuando-se a Introdução de doze páginas, na qual Elsie Clews Parsons faz uma ligeira recapitulação da estrutura e da organização sociais de Isleta, bem como do seu calendário religioso, tratando, ao mesmo tempo, de aproximar ou diferenciar os Tiwa dos outros Pueblos, as demais páginas do livro são ocupadas pelas reproduções e respectivas legendas. Ao nosso ver, a obra, além do prazer estético que proporciona, representa realmente um documentário de qualidade excepcional (e a Dra. Parsons reviu e esclareceu à